

REVISTA

SARAU DA ALEPON

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ACADEMIA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES DE PONTE NOVA/MG

300 ANOS DE MINAS GERAIS



3 ° EDIÇÃO - FEVEREIRO DE 2021

Expediente

Revista Sarau da ALEPON

Ano I - No 03 - Janeiro/Fevereiro/Março de 2021

Editor

Alfredo Padovani
Gilson José de Oliveira
José Camilo Filho

Revisão

Alfredo Padovani
Gilson José de Oliveira
José Camilo Filho

Projeto gráfico e diagramação

Iuna Oliveira

Fotografia e ilustração

Acadêmico Alfredo Padovani
Arquivo pessoais
facebook.com/delcioteobaldo
Família Caríssimo
Freepik - banco de imagens

Páginas / Folhas

51/ 53

Edição

3

Volume

1

Idioma

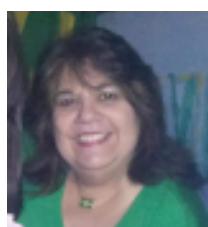
Português

Publicação Fechada

16- 02 - 2021

Os textos assinados são de inteira
responsabilidade dos autores.

PALAVRA DA PRESIDENTE



Seja bem-vindo, 2021!

Alegria, alegria!

Muitas realizações, muitas
novidades chegando...

Retornamos com garra, coragem, e força para
mais um ano de arte, ciência e cultura!

A ALEPON agradece o apoio civil e governamental do ano que passou. Não nos intimidamos com a pandemia. Continuamos cumprindo metas e traçando outras, cada vez mais ousadas. É dinâmico nosso trabalho. Queremos oferecer à sociedade QUALIDADE em nosso mister. Encantamento lítero-musical, abrir o leque da ciência. Novas vagas para a pesquisa literária. Valorização dos nossos acadêmicos ainda mais, com incentivos à publicação de obras. Não podemos parar. O tempo urge e exige de nós esse movimento permanente. As lives continuam até voltarmos com os eventos externos.

Que nosso Santo Antônio Padroeiro continue nos abençoando, sempre!

Abraços literários!

Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini

SUMÁRIO

1	EDITORIAL	0.4
	ENTREVISTA ESPECIAL	0.5
	Délcio Teobaldo	---

2	ESPECIAL PONTE NOVA	13
	Alepon realiza lives em conformidade com a lei emergencial Aldir Blanc	---
	ALEPON EM PORTUGAL	15
	Luciano Sheikk lança livro sobre a vida de escritora portuguesa que viveu em minas	---
	Resultado do Concurso Literário “PROFESSOR MÁRIO CLÍMACO” /2020	17

3

ESPAÇO DOS ACADÊMICOS

22

Ser mineiro	23
De jequeri, via Vaticano, para o mundo do jornalismo	25
Trezentos Anos de Minas	27
O grito da buganvília, de Nilo da Silva Lima	30
Os desafios do atual modelo de mineração	34
O mausoléu	37
ODE A MINAS	46
Primazia de mariana paira, soberana	47
O leque das minas gerais	48
Minas Gerais	50
MINAS É ISSO, MINAS É GERAIS	51
Memórias de carnaval	52

EDITORIAL

Ufa! Chegamos à terceira edição da Revista Sarau da ALEPON. Material construído com a colaboração de muitas mãos e cabeças. Não é nada fácil nesses tempos de Pandemia, falta de recursos financeiros, impossibilidade de ficar cara a cara com os entrevistados e com os acadêmicos e os leitores. Mas vamos seguindo em frente contagiados pela vontade de produzir algo que comunique com o público interno da Academia de Ponte Nova e externo. Temos ido longe e levado a mensagem da ALEPON.

Nesta edição, tentamos jogar luz sobre os 300 anos de Minas Gerais e o Carnaval, essa maravilhosa festa popular do Brasil. Destacamos uma entrevista muito especial com um artista/comunicador multimídia, o pontenovense Dêlcio Teobaldo. Ele carrega em sua bagagem cultural raízes profundas de Ponte Nova. A revista traz ainda uma crônica de adeus ao jornalista e escritor José Maria Mayrink. Um dos mais importantes profissionais da comunicação impressa do País. Mayrink foi cronista do Jornal do Povo.

Registramos as LIVES de acadêmicos da ALEPON, num projeto aprovado pela Lei Aldir Blanc. Assistimos um desfile de poesias, histórias de Ponte Nova e muita música de qualidade. O tema 300 anos de Minas Gerais ganhou espaço com primorosos textos de nossos escritores. Quem também nos brinda com um conto interessante é o poeta baiano Paulo Soriano.

Boa e envolvente leitura!

Os editores.



ENTREVISTA ESPECIAL

5 - 12

DÉLCIO TEOBALDO

Délcio Teobaldo, um artista-comunicador que é capaz de atuar, com talento, em diferentes mídias

A Revista Sarau da Alepon tem o prazer de conversar com Délcio Teobaldo, jornalista, educador, escritor, etnomúsico, documentarista, autor roteirista e diretor de televisão e cinema. Autor do romance Pivetim, quarto prêmio brasileiro Barco a Vapor (2008) e ganhador do APCA (2009); Articulista dos jornais O Dia, Jornal do Brasil e do site “Observatório da Imprensa”; Publisher, Kabula Arts and Projects (UK/BR); Em 2011 pré-lançou na Índia e, no ano seguinte, no Brasil, o primeiro CD autoral, Mundeiro. Lançou, recente (Recife/Porto Digital e São Paulo/II Seminário Internacional Linguagem e Literatura), o livro Escambo, Sociologia Política, onde propõe diálogo entre as Tradições e as Tecnologias. Está em estúdio gravando o vinil Moura‘Yndio que teve pré-lançamento em Brixton (UK) em dezembro de 2019.



2014. Cais do Valongo, Rio de Janeiro, Brasil. Encontros-aulas-aprendizados com universitários e professores de Antropologia, de Angola e Nigéria

Crédito Fotográfico: arquivo pessoal

<https://punemirror.indiatimes.com/entertainment/unwind/connected-moves/articleshow/32241489.cms>

A impressão que se tem é que você quando saiu de Ponte Nova levou na bagagem um mundo de informações que são usadas em sua vida artística. É isso mesmo?

Délcio Teobaldo – É verdade. Ponte Nova me permitiu vivenciar o tempo, no máximo das suas dinâmicas de pausa, reflexão e pulsação. Chamo isso de temperança, considerando todos os sinônimos, livres associações e sentimentos que esta palavra possui, no aprimoramento das relações sociais, de amizade e de trabalho. Temperança é: Tempo + Tempero + Esperança. Então, tem sido um privilégio reconhecer que os saberes que herdei dos meus antepassados, mais os conhecimentos que adquiri nas caminhadas vida afora, se somam. Se entrelaçam e interagem. Me revelam, me situam, me identificam, no mundo.

Quais foram suas referências culturais em Ponte Nova de artistas e ambientes?

Nasci no Bairro de Fátima e, num período em que meu pai,

Neto da batuqueira angolana Eva Paulina de Jesus, da cirandeira portuguesa Angelina Maria dos Santos e do caboclo contador de histórias, Luiz Sabino Soares; filho da camponesa e benzedeira, Maria Luzia e do dançador de caxambu e caboclinho, José Teobaldo, Délcio nasceu e cresceu em Ponte Nova, Zona da Mata mineira, ouvindo ladainhas, congadas, fulôs, cantos de calamboteiros e de lavadeiras. A sua carreira profissional tem fundamento nesses contos, ritmos e festas; no requinte dos doces e licores portugueses do Algarve; no poder dos chás, das benzas e unguentos da tradição guarani-banta.

Perfil

<https://tvgeracaodigital.wordpress.com/tag/delcio-teobaldo/>

Escritor

<http://barcoavapor.smeducacao.com.br/vencedor/4o-premio-barco-a-vapor-2008/>

Educador

<https://www.kcl.ac.uk/aboutkin/g/worldwide/newsevents/newsrecords/Brazil-Week-at-Kings>

<http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Mais-do-que-ruido-palavra-e-rito>

Documentarista

<https://curtadoc.tv/curta/espiritualidade/morre-congo-fica-congo/>

Músico

<https://es-la.facebook.com/pg/delcioteobaldomundeiro/posts/>

<https://www.youtube.com/watch?v=267ZRUWQfUA>

O teatro que me chegou através do Ricardo Motta e da Penha Vieira, mais a escultura sacro profana do Antônio Inácio “Boneca.” Finalmente, antes da minha vinda para o Rio de Janeiro, em 1976, o rádio e o jornalismo entraram na minha vida através do José Cunha, do Chico Ruffo e do Guilherme Daniel Netto. São pessoas muito caras que perceberam a base que eu possuía e, sobre ela, apostaram seus ensinamentos e encantos

Teobaldo, como é ser um artista multimídia num país onde a cultura ainda é para poucos?

Por mais contraditório que pareça, a grandeza e a beleza do Brasil é ser diverso e desigual. Ser palco de tragédias e de milagres que se sucedem e se confundem em suas ambivalências. Assim, a partir dos pensamentos e das ações de Isabel de Mattos Dillon, Josué de Castro, Paulo Freire, Lélia Gonzalez,

Darcy Ribeiro, Conceição Evaristo, Herbert de Souza, Machado de Assis, Lima Barreto, Tia Ciata, Mário de Andrade, Silvio Almeida e de tantos outros, antecessores, sucessores, pioneiros, contemporâneos, temos reunido fragmentos desde país, num eterno fazer-se e desfazer-se. Embora pareça um trabalho insano. Inútil. Desesperançoso, na verdade, é ele que nos dá identidade. Nos potencializa e nos posiciona no mundo como brasileiros, porque somos as glórias e os ais de nós mesmos. Por exemplo, às “mais avançadas das mais avançadas das tecnologias”, contrapomos nossas gambiarras. Nossas criativas incompletudes. Como crianças que, na impossibilidade de comprá-los inventam, criam os próprios brinquedos no modelo e do tamanho das suas posses e necessidades. Daí, ao que chamam multi, qualifico como capacidade de existir num ambiente desigual, onde a cultura

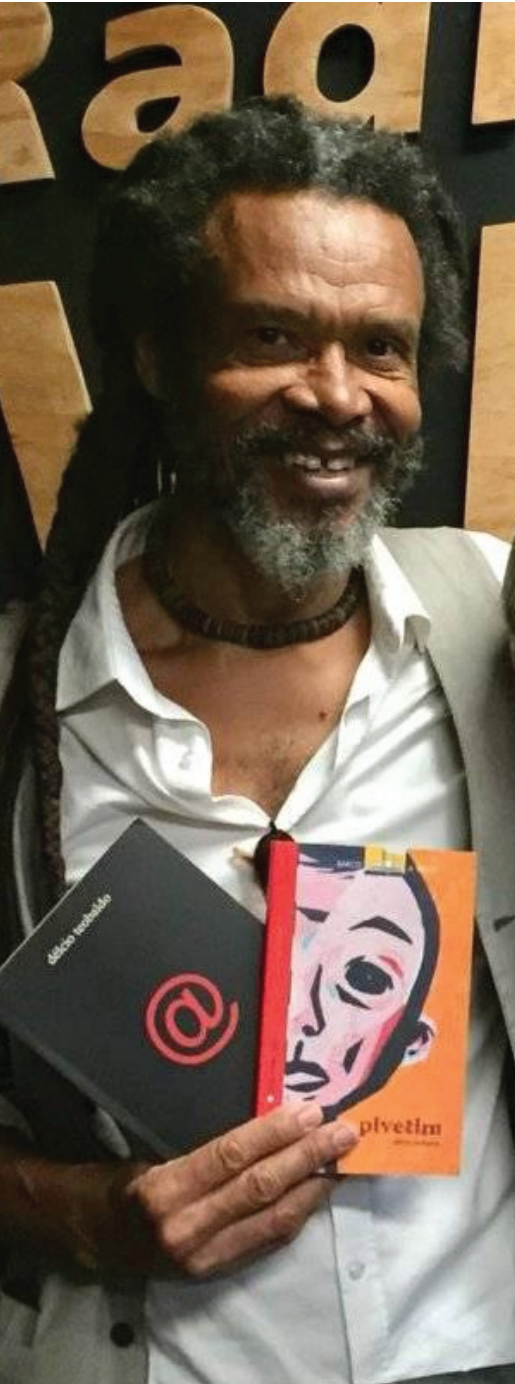
Autoretrato do autor com sua obra.

Crédito Fotográfico: arquivo pessoal



Conversa na Rádio MEC

Crédito Fotográfico: arquivo pessoal



pode não ser, mas está (deve estar!) para todos. Porque cultura é um bem utilitário. É vital. Nunca foi, não é, nem será entretenimento. Ora, quem não toca, é silenciado. Quem não dança, “dança”, entende? Neste contexto sou apenas mais um arteiro que soma sua inquietação e suas ações às insatisfações daqueles que não se dispõem a seguir apenas os quatro pontos cardeais que nos aponta a Rosa dos Ventos.

Muita gente critica a TV Globo pelo seu conteúdo jornalístico, mas assiste suas novelas. Como você vê essa gestão do mundo da informação e do entretenimento?

Hoje vivemos num mundo de telas, onde as “telonas”, onde são agrupadas as televisões, perdem a cada dia, a importância como veiculadores de massmedia. As televisões não reúnem mais a família na sala de jantar e, há mais de duas décadas, deixaram de ser as temidas babás eletrônicas. Neste contexto, a TV Globo ou quaisquer outras, não merecem nem resistem mais a nenhuma análise. O smartphone nos conecta em tempo real,

manda mensagens, nos permite trabalhar, jogar e nos divertir. Essa disponibilidade de serviços muda tudo, altera, radicalmente, nossa maneira de produzir, de consumir e de disseminar a comunicação que, cada vez mais, se desresponsabiliza de ser dualizada como informação e entretenimento. Essa dualidade não existe no universo da comunicação contemporânea de massa. Aqui não há distinção entre Caderno A e Caderno B. Entre classes A, B, C e D, ou entre verdade e mentira apurados, como no jornalismo do século passado. Na minha formação profissional passei pelo rádio e pelos jornalismo impresso e televisivo, bases do que é produzido e disponibilizado no jornalismo virtual dos smartphones. O que é real e o que é ficção na comunicação contemporânea? Nas plataformas sociais de mídia? No final dos anos 1990 publiquei o ensaio “Telintérprete – O jornalista entre o poder e o público” (Litteris Editora) em que analiso o jornalismo da época e a tendência cada vez maior de mascarar e deturpar a informação, seja através de edições tendenciosas ou

Apresentação do grupo mosaicos “Redondilhas”, o raldade e musica no Centro Cultural Justiça Federal, Centro histórico do Rio de Janeiro.

Crédito Fotográfico: arquivo pessoal

de mesmificar opiniões e vozes, num espaço onde ciência e bisonhice; onde mito e zé ninguém; onde celebridades e personalidades se misturam e se embolam em nome da vaidade e da estupidez. Sem reflexões nem filtros, essas vozes ganham a dimensão do grotesco. Do caótico. Se há saída? Creio que a resposta que dei à pergunta anterior ajuda um pouco nessa reflexão: assim como a Arte, devemos transformar a Informação em algo vital. Nos alimentar dela. Torná-la utilitária. Estética, palavra formada por Esteta (ter ciência e consciência do belo) e Ética (exercício do bom convívio coletivo).

Você produziu um documentário sobre a escritora pontenovense Laene Teixeira Mucci. O material está disponível?

Este documentário, o “Terra Tempo Poesia – Laene Teixeira Mucci” foi produzido e dirigido em 2008, quando fomos a Ponte Nova em equipe, gravar um doc com as últimas cantadoras de canavial do município. Realizamos os dois documentários que estão acessíveis nos links:

<https://www.youtube.com/watch?v=BW73gxT68Ec>

e

<https://curtadoc.tv/curta/cultura-popular/cantos-de-calamboteiros/>



“Pivetim”, “Contrato com Vampiros”, “Isto é Coisa da Idade”, qual o seu livro preferido?

“Escambo”, recém-publicado por minha editora, a DT Edições. Como não é ficcional, como a maioria da minha obra, ele me exigiu visitas a memórias e territórios que não havia considerado antes. Tenho preferência pelos que me cobram mais atenção ao trabalhar o texto.

No “II Seminário Internacional Arte e Palavra e Leitura”, em São Paulo, você disse que nunca se leu tanto como hoje, e nunca se escreveu tanto. Como você avalia o atual estágio da literatura no Brasil?

Bem, naquele seminário realizado no Sesc Pinheiros, em 2018, eu me referia, especificamente, aos tempos de leitura e de escrita que são dedicados, hoje, à comunicação digital. Na minha fala, a esses dois elementos – leitura e escrita – acrescentei um terceiro: a escuta, como imprescindível à criação plena. Não é uma receita que sirva para avaliar o atual estágio, nem qualificar a literatura que se faz, hoje, no Brasil, mas sempre recorro a esse tríplice auxílio quando a literatura me chama para servi-la. Humildemente, como eterno



Dêlcio Teobaldo apresenta seu som ancestral - tv Brasil

Crédito Fotográfico: arquivo pessoal

<https://m.youtube.com/watch?v=267ZRuWQfUA>

eu lhe dou, ou melhor eu lhe sou todo ouvidos...

Como consegue ajuntar numa alma só essa múltipla manifestação: cinema, música, literatura, cultura popular?

Fui favorecido pelas oportunidades que tive na infância, na adolescência e na juventude, enfim, de estar, desde sempre em estado de Criânsia. De ver o mundo em estado permanente de êxtase, de admiração. Meu cinema passa por aí, minha música também, minha literatura, da mesma maneira, tem ginga e pressa de uma roda de Ciranda. Fazer da alma um móbile e sendo móbile, ser vários. Aqui, abro diálogo com Manoel de Barros, no poema “Retrato do artista quando coisa.”

“A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.”

Sua arte traz o engajamento, seja na crítica à espetacularização do nonsense, seja na proposta de uma sociedade pluralista, na qual as culturas de raiz se sintam em casa, possam se expressar, o que condiz com o sentimento de justiça e fraternidade. Como vê hoje o engajamento da arte, comparando um pouco com o período da cultura popular dos anos 60?

O engajamento de ontem é a ruptura de hoje. Quaisquer coletivas que fazíamos eram para manter o fluxo. A sístole e a diástole. A pulsação. O ritmo que nos move dentro ou fora do “ventre da Cobra Grande.” Então, de ruptura em ruptura – com os regramentos e os valores das décadas 1950, 1960 ou 1970, que foram determinantes na minha formação – acreditávamos abrir novos diálogos, possibilitar espaços de disputa que, certamente, tem nos conduzido ao que vivenciamos (ou desejamos e merecemos!) hoje. Falo de uma sociedade em que as relações sejam horizontalizadas, otimizadas pela comunicação em redes. Uma sociedade oposta à estrutura vertical, como ainda insistem manter, como ideal. Não é. Tenho refletido sobre isto, num artigo, escrito e reescrito, a que dei o título “A ruptura no grito primal coletivo – Tecnologias, Territórios e Pertencimento.” Aqui está o parágrafo de abertura que é bem pertinente ao nosso diálogo: “Quem teme a expansão horizontal e democrática das tecnologias aplicadas à informação? Creio que, apenas, os que possuem conhecimento teórico e técnico sobre elas e se utilizam dele para benefício próprio ou de grupos. Com esta atitude supõem evitar o livre acesso ao que sabem, pois se ocorresse e



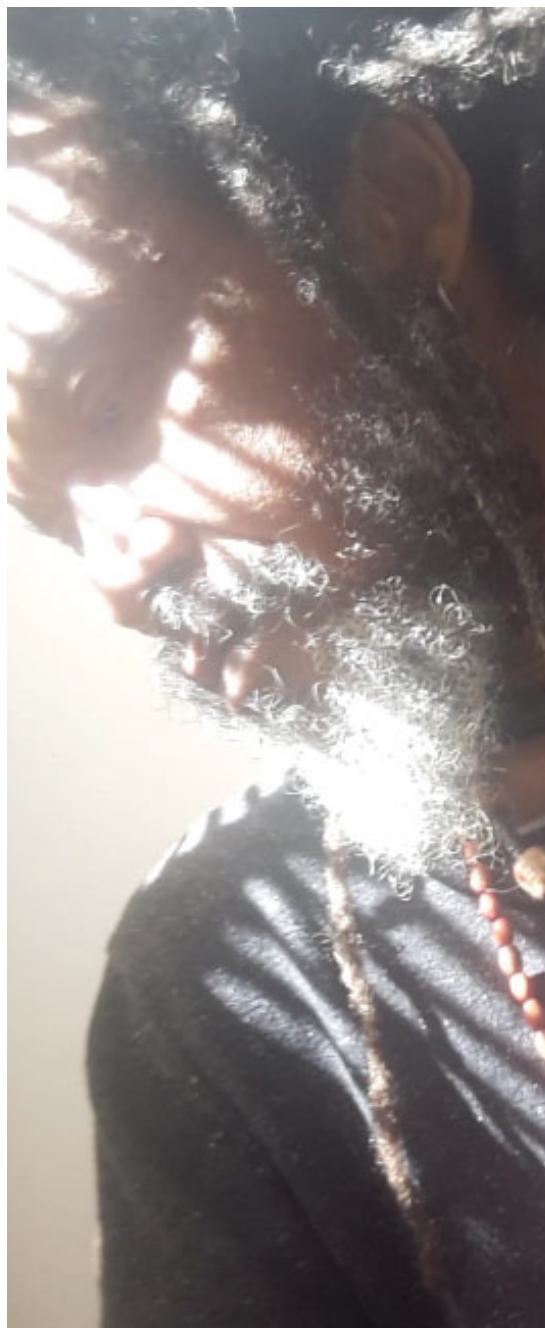
Délcio Teobaldo

esses saberes fossem compartilhados, seriam inevitáveis a perturbação, o enfraquecimento e o colapso do que instituem para manter a liderança e o poder. Seria o fim da Eficiência Autoritária. Centralizadora. Verticalizada. Modelo que está com os dias mais do que contados, porque se asfixia e agoniza fechado na própria fortaleza. Portanto, é vital e urgente oxigenar, decodificar, popularizar o conhecimento tecnológico, estendê-lo a diferentes territórios e ofertá-lo às pessoas como apenas e somente um serviço colaborativo...”

Como o amigo tem vivido, enquanto artista, e sobrevivido, neste longo tempo de pandemia?

Em nome da ciência, do bom senso e da fraternidade, tenho respeitado o distanciamento solidário. É o que me cabe, em nome da ciência, etc. etc....

Você, enquanto pesquisador da cultura, busca os valores mais originais e seu sentido, sua razão de ser, como no documentário “Cantos de Calamboteiros”, canto das cortadeiras de cana. Como avalia a cultura hoje em Ponte Nova? O que você destaca, ou se quiser, quem você destaca?



Autoretrato de Dêlcio Teobaldo
Crédito Fotográfico: arquivo pessoal

Ponte Nova, minha primeira terra natal (falo primeira, porque nasço e renasço em cada chão, em cada território onde piso ou me fico) está dentro do que entendo sejam os brasis, nas suas inquietudes. É bom que seja assim. Ou melhor, deve ser assim. Ponte Nova ainda me chega e me encanta através das suas artes diferenciadas e únicas, dos talentos que não ousou listar nomes aqui, porque virão outros e outros, como o da menina Cibely Limma.

Vimos recentemente, aqui e nos EUA, muita agressividade contra os negros, revelando a eterna presença do racismo e ao mesmo tempo, uma grande reação das populações a essas agressividades. Como analisa esse fenômeno recente?

Falo dos brasis. Da nossa memória curta. Isto é grave porque, em sociedades assim, não se respeita a intergeracionalidade: sou quem sou a partir dos saberes que herdei e dos que adquiro. Quando isto é ignorado, não há respeito nem renovação. Analiso como educador. Mais que instrutora, a educação brasileira deve ser reconhecedora. Deve educar, basicamente, para que não haja esquecimento. Hoje, educar neste sentido, é fundamental. É urgente. Deve ser a prática. Melhor dizendo, fundamenta Paulo Freire, quando ele diz: “É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz.” Nada justifica o silenciamento, o apagamento e a discriminação étnica neste país. É inaceitável que ainda insistam num modelo tão injusto, hipócrita, insensível e covarde.

Qual a mensagem você deixa para Ponte Nova, para seus conterrâneos, nesses tempos difíceis?

Vamos espalhar a palavra. Fazer valer o Verbo...



ESPECIAL PONTE NOVA

13 - 14

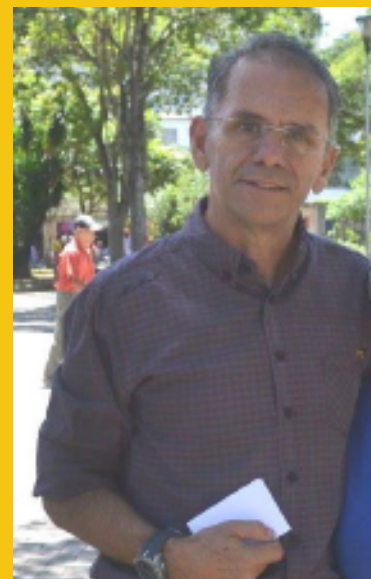
ALEPON REALIZA LIVES EM CONFORMIDADE COM A LEI EMERGENCIAL ALDIR BLANC

Assim que a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ponte Nova/SEMCT publicou, em novembro de 2020, o Edital para projetos que poderiam usar recursos emergenciais da Lei Aldir Blanc - recursos esses disponibilizados pelo Governo Federal como incentivo aos agentes culturais, que tiveram suas atividades presenciais paralisadas com a pandemia da COVID-19 - a ALEPON se inscreveu e foi contemplada.

Como previsto no projeto, a Academia destacou duas ações: a construção do site e a realizações de seis lives. Os dois projetos já estão em andamento (feitos remotamente) e com a participação efetiva dos acadêmicos.

As lives estão sendo transmitidas pelo canal do acadêmico Júlio Valadares, onde se encontram disponíveis a todos os internautas.

Arte de divulgação das lives.
Ademar Figueiredo



Para facilitar a participação de todos, definiu-se que as lives aconteceriam sempre às quintas-feiras, às 19h. Dentro da programação tivemos em 22/01 a primeira transmissão, que dentre outros assuntos homenageou os acadêmicos já falecidos e suas contribuições para a efetivação da nossa Academia. A presidente Beth Iacomini fez a abertura e das instalações da ALEPON os acadêmicos Júlio Valadares, Lindaura Primavera e Edneia Souza comandaram as atividades. A live contou ainda com apresentações pré-gravadas de musicais e declamações. Em sua fala a presidente destacou “o papel pulsante da ALEPON na sociedade”, encerrando sua participação com o slogan de seu mandato: "Sonho que se sonha junto é realidade."

Já em 28/01, o acadêmico Luciano Sheikk abordou o tema “A literatura como fonte de equilíbrio”. Assunto muito oportuno, pois em época de

distanciamento social a leitura passou a fazer parte da rotina de muitas pessoas que estão isoladas em casa, sem muitas atividades.

Na live do dia 04/02, foi a vez do sócio-fundador e ex-presidente José Camilo Filho que abordou “A Criação de Ponte Nova”. Camilo apresentou breve relato histórico sobre a criação do município, a origem do seu nome e outras curiosidades. Falou ainda sobre a criação da Academia e da literatura pontenovense de modo geral. O acadêmico aproveitou a oportunidade para apresentar seu Patrono na ALEPON: Heriberto José Schmitt/Padre Schmitt.

Em 11/02, os acadêmicos Gilson José (ex-presidente) e Wander Silva abordaram o tema: Minas 300 anos: música e poesia. A live aconteceu de maneira descontraída, onde os dois acadêmicos tiveram um bate papo regado pela boa música e

excelentes criações literárias de vários artistas mineiros.

Vale destacar que em todos esses eventos tivemos uma audiência privilegiada de internautas de várias partes do Brasil e de nossos confrades portugueses.

A programação segue e tem sido divulgada no **Facebook/amigosdaalepon**. Como dissemos anteriormente as lives são transmitidas pelo canal do Júlio Valadares, no YouTube e ficam à disposição para assistirem em qualquer oportunidade.

<https://youtu.be/tKVcT0PEuE0>

Autoria do texto: Acadêmico Ademar Figueiredo



ALEPON EM PORTUGAL

15 - 21

LUCIANO SHEIKK LANÇA LIVRO SOBRE A VIDA DE ESCRITORA PORTUGUESA QUE VIVEU EM MINAS

O livro resgata textos atemporais publicados entre 1911 e 1959 e a biografia da escritora portuguesa que viveu em três cidades da Zona da Mata. A publicação ganhou destaque na coluna “Arte e Cultura”, do também acadêmico Ademar Figueiredo, no jornal Folha de Ponte Nova (edição de 29/01). O livro “Ideias de um Camafeu Rústico de Deolinda Cardoso”, tem coautora Regina Motta. “Uma leitura indispensável para todas as mulheres e homens que quiserem aprimorar o entendimento feminino” observa o autor.

A pesquisa contou com o apoio da Prefeitura de São Geraldo (MG), onde a escritora residiu, antes de morar em Ponte Nova e Juiz de Fora.

REGINA MOTTA - LUCIANO SHEIKK



IDEIAS DE UM
CAMAFEU RÚSTICO

O livro "Ideias de um Camafeu Rústico de Deolinda Cardoso

Crédito Fotográfico:

Autoria do texto:

ALVA EDITORA

CONCURSO LITERÁRIO

PRÊMIO “PROFESSOR MÁRIO CLÍMACO” /2020

RESULTADO

POESIA INTERNACIONAL

1º lugar: OPÇÃO

Autor: Idalina Pereira Coelho

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Charneca de Caparica

2º lugar: AMO-TE, POESIA

Autor: Adelina Ferreira dos Santos

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Gondomar

3º lugar: DEIXA QUE TE DIGA

Autora: Maria José Moura de Castro

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Gondomar

MENÇÃO HONROSA INTERNACIONAL

- NINHOS DE DESPOJOS

Autor: Adilson Miguel Semedo Fernandes

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Lisboa

- JÁ POETA NÃO SOU

Autora: Maria Catarina de Sousa Martins Canas

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Coimbra

- MIL E UMA NOITES DE AMOR

Autora: Mónica Raquel S. Mesquita Sousa

POESIA NACIONAL

1º lugar: INFÂNCIA

Autora: Márcia Mendonça Ruhland

Localidade: Florianópolis - SC

2º lugar: AMAZÔNIA

Autora: Marília Nazareth Baêtas Tavernard

Localidade: Belém - Pará

3º lugar: SONHOS ALADOS

Autor: Aparecido José Galindo

Localidade: Diadema - SP



MENÇÃO HONROSA NACIONAL

- DIA DE CHUVA

Autora: Andréa Martins Dias e Silva

Localidade: Presidente Venceslau – SP

- TEMPOS SOMBRIOS

Autor: Rafael Rocha Neto

Localidade: Recife – PE

- BRASIL NO CORAÇÃO

Autor: Pietro Lemos Costa

Localidade: Brasília – DF

Concurso Professor Mário Clímaco

Crédito Fotográfico: Arquivo da ALEPON

**POESIA
LOCAL**

1º lugar: O EXÍLIO

Autor: João Lisboa Cotta

2º lugar: MAL TE VI

Autora: Maria das Graças Bigão Sanches

3º lugar: A LUA

Autor: Jáder Loures de Brito

**Prêmio Professor Mário
Clímaco - 2020**

Organização:
Academia de Letras, Ciências e Artes
de Ponte Nova - ALEPON

www.concursosliterarios.net.br

Arte de divulgação do Concurso Professor Mário Clímaco

Crédito Fotográfico: Arquivo da ALEPON

PROSA INTERNACIONAL

1º lugar: O DUELO

Autor: Ângelo António Dores Teodoro

Nacionalidade/Localidade: Portugal/ Torres Vedras

2º lugar: À PROCURA DO MORTO

Autora: Ilda Pinto Almeida

Nacionalidade/Localidade: EUA/ SD- Califórnia

3º lugar: PROBLEMAS DE IMPRESSÃO

Autor: Manuel Maria de Matos Nunes Seatra

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Lisboa

MENÇÃO HONROSA INTERNACIONAL

- A POESIA É... (POESIA) AMIGOS

Autora: Natália de Jesus Patrício do Vale Garcia

Nacionalidade/Localidade: Portugal/ Leça do Balio

- AS POMBAS

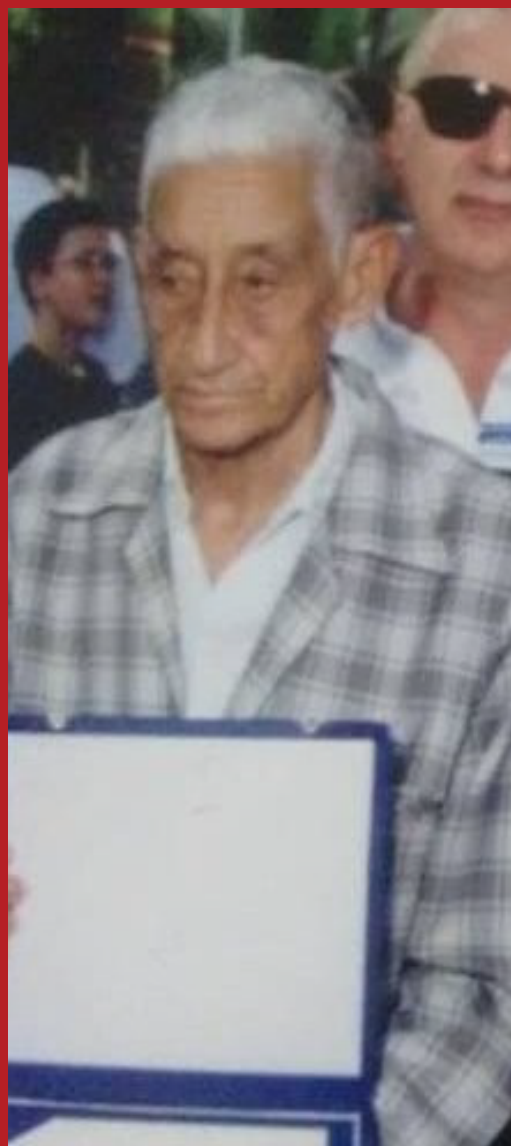
Autora: Maria José Fernandes de Castro Malheiro

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Valença

- OUTRAS CORES

Autor: António Almeida Calheiros

Nacionalidade/Localidade: Portugal/Vila Nova de Farmalhão



Professor Mário de Souza Clímaco

Crédito Fotográfico: Arquivo do Pontenovense Futebol Clube

**PROSA
NACIONAL**

1º lugar: OTTO LARA RESENDE

Autor: André Telucazu Kondo

Localidade: Taubaté - SP

2º lugar: TRIC-TRIC

Autor: Luiz Vieira

Localidade: Irati - PR

3º lugar: YASMIN

Autor: Danilo Heitor Vilarinho Cajazeira

Localidade: São Paulo - SP

**NACIONAL
MENÇÃO HONROSA**

- GUERRA SANTA TEMPERADA

Autor: Paulo Roberto de Oliveira Caruso

Localidade: Niterói - RJ

- CAFÉ DA MANHÃ

Autora: Maria de Fátima Mendes Cordeiro

Localidade: Vila Acre – AC

- INQUILINO INESPERADO E SEM FIADOR

Autor: Geraldo Trombin

Localidade: Americana - SP

Ponte Nova, 24/02-2021

Ester Alves Magalhães Trindade

Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini

I SECRETÁRIA

PRESIDENTE





ESPAÇO DOS
ACADÊMICOS

22 - 51

HOMENAGEM A MINAS:

**MINAS 300 ANOS!
PARABÉNS, MINAS!**

SER MINEIRO

Autoria do texto: Carlos Drummond de Andrade

OSer Mineiro é não dizer o que faz, nem o vai fazer,
é fingir que não sabe aquilo que sabe,
é falar pouco e escutar muito,
é passar por bobo e ser inteligente,
é vender queijos e possuir bancos.

Um bom Mineiro não laça boi com imbira,
não dá rasteira no vento,
não pisa no escuro,
não anda no molhado,
não estica conversa com estranho,
só acredita na fumaça quando vê o fogo,
só arrisca quando tem certeza,
não troca um pássaro na mão por dois voando.

Ser Mineiro é dizer "uai", é ser diferente,
é ter marca registrada,
é ter história.
Ser Mineiro é ter simplicidade e pureza,
humildade e modéstia,
coragem e bravura,
fidalguia e elegância.

Ser Mineiro é ver o nascer do Sol
e o brilhar da Lua,
é ouvir o canto dos pássaros
e o mugir do gado,
é sentir o despertar do tempo
e o amanhecer da vida.

Ser Mineiro é ser religioso e conservador,
é cultivar as letras e artes,
é ser poeta e literato,
é gostar de política e amar a liberdade,
é viver nas montanhas,
é ter vida interior,
é ser gente.



Retrato de Carlos Drummond de Andrade

DE JEQUERI, VIA VATICANO, PARA O MUNDO DO JORNALISMO

Autoria do texto: Acadêmico Alfredo Padovani

Um dos donos da empresa onde trabalhava me chamou em sua sala. Não era a primeira vez que estava naquele ambiente. Tinha quase certeza que o assunto seria relativo às suas atividades pessoais, pois ele já não acompanhava as tarefas empresariais há muito tempo. Tratava-se de um homem muito metódico, culto e que pensava muito antes de qualquer decisão, mesmo que fossem as mais simples. A minha missão naquela oportunidade seria de representá-lo num lançamento de um livro. O escritor era seu amigo e meu patrão sempre tivera uma relação de profunda amizade com sua família. Explicou, de maneira muito educada, porque não poderia ir ao compromisso: questão de saúde. Antes de me passar o convite impresso, meu deu uma aula sobre o autor do livro e contou sua trajetória profissional. Eu já sabia alguma coisa, pois a personalidade era um já conhecido jornalista com passagens por importantes veículos de comunicação impressa do país.

No domingo bem cedo saí de casa em direção a Jequeri, cidade próxima de Ponte Nova. Com uns trinta e cinco minutos de viagem de carro cheguei ao local indicado no convite. Tratava-se de um clube sócio-esportivo. O único da localidade. Estacionei nas proximidades e fiquei esperando aparecer os convidados. Não demorou mais do que vinte minutos, e eles foram aparecendo. Fiquei atento na chegada do dono do evento. A sorte é que eu o conhecia por fotografias.

Assim que ele desceu de um carro e entrou no prédio, fui atrás. O dia estava cinzento, com umas nuvens indicando que poderia chover a qualquer momento. O cenário daquela manhã combinava comigo. Estava triste, pois minha filha do meio não tinha passado bem a noite. Ela enfrentava sérios problemas de saúde. A luta para mantê-la estável estava exigindo muito dos médicos.

Esperei que o escritor recebesse primeiro oA luta para mantê-la estável exigia muito dos médicos. s cumprimentos de seus conterrâneos e amigos para depois me aproximar. O salão estava relativamente vazio. Pela importância do anfitrião era para o local estar lotado. Aproximei-me e fui logo me apresentando como sendo porta-voz do meu patrão. Levava comigo um cartão enviado por ele. O escritor leu rapidamente e agradeceu com um abraço meio acanhado e cerimonioso. Quis saber notícias do meu patrão. Depois fiquei a meia distância observando, até porque iria escrever uma matéria sobre o evento para o jornal da empresa. Fiz algumas fotos e dei uma bebericada num refrigerante servido à americana.

Logo após a apresentação do livro pelo autor e os agradecimentos de uma pessoa da cidade, entrei na fila para receber sua dedicatória. Era um dos últimos. Para minha surpresa, José Maria me perguntou se eu era jornalista. Alguém tinha

Pedi que esperasse um pouco ao lado, pois precisava falar comigo. Falamos da dificuldade em fazer jornalismo no interior e ali nasceu minha admiração por ele. Ainda tive a oportunidade de conversar sobre a luta em favor da saúde de minha filha. Ganhei uma dedicatória especial no livro “Anjos de Barro”. Depois de suas palavras saí daqui mais energizado.

Fui encontrar novamente com o jornalista e escritor José Maria Mayrink quase quatorze anos mais tarde. Isso aconteceu num Seminário Nacional de Jornalistas Católicos, no Colégio Santa Maria, em São Paulo. Tive a oportunidade de cumprimentá-lo na entrada de uma palestra que fez no evento. Para minha surpresa, ele me reconheceu entre centenas de pessoas. O auditório estava lotado de jornalistas do Brasil inteiro e até de países da América do Sul. Assim que Mayrink foi apresentado pelo cerimonial, pediu licença e em alto e bom tom ordenou-me que ficasse de pé lá no meio da plateia. Com aquele seu jeito mineiro, fez questão de dizer que ali estava um companheiro e amigo de sua terra: Ponte Nova. Naquela cidade do interior de Minas ele tinha passado boa parte de sua adolescência como estudante no Colégio Salesiano Dom Helvécio (ele era nascido em Jequeri) e mais tarde ingressou no jornalismo. Quase morri de vergonha, mas aguentei o tranco.

José Maria Mayrink faleceu no último dia 23/12, aos 82 anos. Ele lutava contra uma leucemia. Além de escritor, com várias obras publicadas, o jornalista era especialista em assuntos do Vaticano e árduo defensor da goiabada. Começou a escrever no extinto Jornal do Povo de Ponte Nova, no início da década de 1960. Participou de importantes coberturas para jornais como O Globo, JB e Estadão. Repórter com mais de 50 anos de carreira, tendo participado de coberturas históricas como o golpe militar no Chile, a eleição de dois papas e a beatificação de outros dois. Além de “Anjos de Barro”, Mayrink escreveu os livros “Solidão”, “Vida de Repórter” e “Pastor e Vítima”. O jornalismo brasileiro está de luto.



Retrato do jornalista Alfredo Padovani

TREZENTOS ANOS DE MINAS

Autoria do texto: Acadêmico João Onofre de Oliveira

Antes de falar da beleza e riqueza de nosso Estado, acho interessante apresentar alguns importantes antecedentes. Quando foi descoberto o Novo Mundo, ou as Américas, o espanhol Vicente Pinzon estava com o descobridor Vasco da Gama. Consta em alguma literatura que tempos depois Pinzon percorreu a costa brasileira. Contrariando a história, considera-se que foi ele o verdadeiro descobridor do Brasil e não Pedro Álvares Cabral.

Em minha vã filosofia, vou mais além. Quando Vasco da Gama e Colombo chegaram, as Américas já eram habitadas pelos índios, de onde vieram não sei, mas são seres humanos, porquanto, quando as Américas foram descobertas, elas já eram habitadas. Saliento ainda, quando os índios descobriram as Américas, Pinzon não tinha vindo ao Mundo.

Voltando falar sobre os trezentos anos de Minas, verifica-se que em 1534 o Rei de Portugal, Dom João III, dividiu a colônia brasileira em 16 Capitanias, sendo que a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro se dividiu e a Capitania das Minas de Ouro, se tornou independente, com o nome de Capitania das Minas Gerais, em 02 de dezembro de 1720, sendo a Capital Vila Rica.

Se olhássemos a vida como se estivéssemos

encarando um retrovisor, veríamos lá atrás e nos encantariamos mais ainda com nossa Minas Gerais. Minas Gerais sempre esteve e está presente em todos os acontecimentos no Brasil e no exterior. Vamos lembrar os relevantes feitos de Minas em trezentos anos, desde a separação da Capitania de São Paulo e se tornando Capitania das Minas Gerais. É importante lembrar que a cidade de Mariana, embora por pouco tempo, foi a primeira capital mineira. Lá morava um cidadão cujo nome era Filipe dos Santos Freire, que promoveu um movimento revolucionário contra a Coroa Portuguesa e foi morto, esquartejado por ordem do governo português.

Os membros de nossa querida ALEPON, tivemos a honra de realizar uma sessão solene para comemorar os 500 anos do Brasil e agora, com o mesmo entusiasmo, comemoramos os 300 anos de Minas Gerais. Minas Gerais viveu momentos de glórias, mas viveu também momentos angustiosos. Alguns jovens das Minas Gerais foram estudar na Europa, Universidade de Coimbra; lá ficaram sabendo da independência dos Estados Unidos da América, deixando de ser Colônia inglesa. Retornaram ao Brasil, nas Minas Gerais pensando em incentivar o povo a fazer o mesmo procedimento. Diz a história que Tomás Antônio Gonzaga, quando chegava de Coimbra, ao adentrar o território das Gerais, foi parado por uns soldados.

Tomás conduzia um animal cargueiro, carregado de livros. Tiradentes era o comandante dos soldados. Ele se aproximou, olhou a carga e viu que eram somente livros. Tiradentes disse aos soldados: podem deixar o viajante passar, uma nação precisa de homens e de livros.

Tiradentes se juntou ao Tomás e outros defensores da liberdade das Minas Gerais e da Colônia brasileira. Formando assim a Inconfidência Mineira. Os inconfidentes eram fazendeiros, militares, mineradores, padres, sendo mais laboriosos os padres Toledo José da Silva e Rolim, tinha artífices como Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho).

Alguns historiadores dizem que todos os inconfidentes eram maçons. Aqui cabe um esclarecimento: é que, no passado a maçonaria não admitia pessoas com deficiência física na ordem. Ela era operativa, todos os maçons eram construtores, inclusive, eram chamados de pedreiros livres. A Inconfidência Mineira não dispensou Aleijadinho e o iniciou na ordem maçônica e, segundo consta, todas as reuniões dos inconfidentes eram na casa do Aleijadinho. Tiradentes teve várias profissões: minerador, dentista (prático) e depois ingressou no Esquadrão da Cavalaria. Em que pese ele ser considerado pobre entre os inconfidentes, era o líder do movimento. Até hoje há uma dúvida quanto à patente ou graduação de Tiradentes. A literatura diz que era 2º Tenente, outra que ele era Subtenente. Cabe aqui também um

esclarecimento: Tiradentes usava espada que existe até hoje em museu. Segundo Tenente é o primeiro posto no oficialato das Forças Armadas e auxiliares nos estados. No oficialato, cada oficial quando é promovido, diz-se foi promovido ao posto de 2º tenente, 1º tenente, capitão etc. Na classe de praça, diz-se foi promovido a graduação de cabo, 3º sargento, 2º sargento, 1º sargento e por último, graduação de subtenente. Há uma interpretação no fato que ora tratamos.

Nas Forças Armadas e auxiliares nos estados somente oficial usa espada, que é arma militar. As únicas praças que usam espadas para dispersar aglomerações, são as praças da cavalaria. Como Tiradentes servia num regimento de cavalaria, fica difícil afirmar se ele era subtenente e usava espada nos combates ou se foi 2º tenente e usava espada que é arma militar privativa de oficiais. Tiradentes e todos os inconfidentes eram maçons, inclusive o Padre Rolim.

Naquela época a igreja permitia Padres entrar na maçonaria. A Igreja Católica já foi mandatária, passou a não aceitar a maçonaria por ser secreta. A igreja achava que sabia tudo no mundo, inclusive mandou castigar Galileu Galilei, porque ele afirmava que os planetas giravam em torno do sol. Galileu só não perdeu a vida porque mesmo sabendo do movimento citado, negou o que disse. Tiradentes saía das Minas Gerais e pregava seus ideários em várias localidades da

colônia. Foi morto e esquartejado no Campo da Lampadosa, hoje Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. Seus quartos colocados em sacos de salmoura foram jogados nas estradas por onde ele passava até chegar nas Minas Gerais e sua cabeça foi pendurada num poste de candeia em Vila Rica (existem versões divergentes), sua casa foi destruída e o terreno onde ficava a casa foi coberto de sal.

Existem comentários de que, à época alguém disse: porque não enterraram Tiradentes, será que pensaram que o corpo dele tinha sementes? Parece que sim, pois em 07 de setembro de 1822, Dom Pedro I fez a Independência do Brasil, consequentemente das Minas Gerais. Ficando Assim realizados os sonhos de Tiradentes e de todos os bons inconfidentes.

Tiradentes, com toda simplicidade, se tornou, um dos homens mais importantes do Brasil. É patrono da Polícia Militar mais antiga do Brasil, a de Minas Gerais. É patrono das Polícias Militares do Brasil. É patrono das Polícias Cíveis e é patrono da Nação brasileira.

Minas Gerais foi muito importante nas decisões notórias de nossa nação brasileiras. Vou citar alguns fatos de grande importância: Quando se deu a independência do Brasil, foram enviados a capital paulista companhias do regimento da cavalaria das Minas Gerais para reforçar a escolta de Dom Pedro I; jovens valentes saíram de Minas Gerais para a I Guerra Mundial em 1914-1918. Na segunda guerra mundial, Minas Gerais novamente mandou corajosos jovens para ajudar no extermínio daquela desgraça mundial. Até hoje existem em Minas



Gerais velhos sofredores daquela época.

Em 1964, no período revolucionário, Magalhães Pinto (governador de Minas Gerais) disponibilizou tropas da PMMG para reforçar o exército instalado em Juiz de Fora. Reforçado com as tropas mineiras, o exército de Juiz de Fora se juntou ao de São Paulo e seguiram rumo ao Rio de Janeiro, com a missão de depor o presidente da República João Goulart. O presidente Goulart soube do possível ataque, abandonou o Brasil e se exilou no Uruguai. Naquela época os brasileiros apoiaram a decisão.

As pessoas importantes na história de Minas Gerais (Inventores, artistas, esportistas, escritores, políticos). O inventor Alberto Santos Dumont que voou pela primeira vez na primeira aeronave do mundo, inventada por si mesmo e também o relógio de pulso. Político audacioso foi Juscelino Kubitschek de Oliveira que deixou em BH, Brasília e etc, importantes legados. Na literatura brasileira, exaltamos em MG o grande escritor João Guimarães Rosa e outros. No esporte destaque para o nosso grande Edson Arantes do Nascimento (Pelé), o qual se tornou o Rei do futebol no mundo inteiro.

Lembramos também o grande espiritualista Francisco Cândido Xavier, que escreveu mais de 450 livros, todos psicografados. Todo dinheiro adquirido com as vendas dos livros foram doados para as entidades de caridade. Chico Xavier, Santos Dumont e Juscelino Kubitschek foram considerados mineiros do século XX.

Minas Gerais tem uma história muito linda. Não tem um hino oficial, mas executamos e cantamos como se fosse um hino oficial uma valsa italiana chamada: Viene sul mar! Esta foi adaptada pelo compositor mineiro José Duduca de Moraes em 1942. Oh! Minas Gerais/ Oh! Minas Gerais/ Quem te conhece não esquece jamais!



Retrato do autor João Onofre de Oliveira

O GRITO DA BUGANVÍLIA, DE NILO DA SILVA LIMA

Autoria do texto: Acadêmico Gilson José de Oliveira

“É certo que a invenção poética de Manoel de Barros tem personalidade própria rara entre os nossos poetas, rara mesmo entre os grandes poetas. É por isso que é um poeta maior.” (Antônio Houaiss).

Sirvo-me da inquestionável autoridade de Houaiss, insuspeito crítico literário, para afiançar minha referência ao poeta Nilo da Silva Lima, a quem reputo há tempos a condição de poeta maior, expressão que distingue, em nosso país, os poetas do andar de cobertura, os que carregam “personalidade própria rara”. A consideração de Houaiss está na abertura da Antologia de

Manoel de Barros, intitulada *Meu Quintal é Maior Que o Mundo*, organizada por sua filha Martha Barros.

Ora, é conhecido o truque de aparente simplicidade temática do poeta pantaneiro. Na sua poesia, o mínimo se faz máximo e o corriqueiro e local se fazem universais, como sua imensa poesia. Os mínimos detalhes da natureza, o comum do dia e da noite, o movimento inerte da garça, o poste, o traste, a mula empacada, o bichinho, o verme, o voo, tudo é poesia para a grandeza de Barros. São miudezas temáticas surpreendentemente conectadas à inteireza da vida e do mundo. Daí que enxerga o quintal maior que o mundo, como Drummond espiava da janela dos seus olhos o mesmo mundo em parafuso. É seu mundo, e tudo, dentro dele, de repente se faz monumental.

E o Nilo Silva Lima? Ele nos traz um livro, *O Grito da Baganvília*, que é um poema feito de 41 poemas, enredando, girando a baganvília a partir de um quintal de sua Urucânia quase natal.

“Renascer das sombras/de um plantio volátil pelo quintal/de raízes móveis/ao vento, ao tempo, ao fim da linha da pauta/de

um caderno/abandonado com registros ancestrais em manuscrito/ da escrita silabada/ à soleira do mormaço que fermenta cada vez menos o chão, o vinho, a flor e o sangue”.

Nilo é inegavelmente de Urucânia. No entanto, era comum tomar emprestado como lugar de nascimento o Hospital N. S. das Dores, em Ponte Nova e foi o que se fez. Cresceu saltando quintais urucanienses, abençoados com o olhar rígido e santo do padre Antônio Ribeiro Pinto.

Quando cheguei ao internato de Mariana, em 1976, Nilo já estava. Cursamos Humanidades e depois Filosofia. Principalmente formamos um bunker de poesia, de ousadia, expondo-nos nas sessões do Grêmio Literário e criando nosso Mural, formando um quarteto com dois outros colegas: Beletable e Rosemberg.

Nossa poesia era expressão contra a repressão, a retenção psicoafetiva e utópica no final dos 70 por diante, no nosso caso. Éramos inquietação e inquietude, atraíamos olhares e julgares, admiradores, incentivadores e desconfiados observadores. Beletable disse-me recentemente que guarda todo o material a sete



chaves. Às vezes quero revê-lo, às vezes, não.

Nilo seguiu um caminho literário apurado, estudando e se formando e se especializando em Letras e tornando-se, além do poeta maior, refinado crítico literário, entregando-se de corpo e alma à causa. Reside em São João Del Rey-MG e é sócio correspondente da ALEPON- Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova.

O Grito da Buganvília, concebido em 2017 e vindo à luz neste final de 2020, é de beleza única. Na forma e no conteúdo, criação palatável, visível, sensível. Consigo captar dois diálogos de restabelecimento da memória dos anos de Urucânia, na infância e na adolescência. Um diálogo (ou seria monólogo?) que recria “a menina de olhos de amêndoa”, por quem ele pergunta: “por onde andaré Analua?” se amplia pelos demais poemas em que outros rostos, nomes, locais se

Tereza é a progenitora do caro Nilo Silva Lima. Eu a conheci e desconheci quando partiu numa tarde/manhã de luz em Urucânia.

O Grito é um acerto com a vida, um reencontro místico, uma homenagem carregada de arte, de engenho, de amor:

renascer de uma buganvília, qual
virgula mínima em espessa taça vermelha
escrita na tarde em azul cobalto
negando, mentindo, exorcizando todas as
contingências

renascer enfim, da memória do corpo de Tereza,
mulher-menina plena de vida

Não demora muito para o leitor se familiarizar e se entreter com a destreza de Tereza, compositora de Buganvílias em ponto de cruz:



confundem como de Analua procurada, quiçá encontrada, desejada, (“por que nos apaixonamos mais pelos desejos/do que pelo objeto desejado?”) pois não se materializa talvez. Este diálogo, ou monólogo, corre em paralelo, mas não na mesma quantidade nem intensidade daquele de Tereza.

Tereza é retratada e revivida em monumental memória, sua glória, sua beleza, sua história tecida por mãos de fada compondo buganvílias em tecidos de grande significação para o poeta Maior.

Igreja de Nossa Senhora do Carmo - C. de Xopotó

Crédito Alfredo Padovani

Abre-se na memória
a primavera dos jardins floridos
pelos bordados de ponto de cruz
sob as mãos de Tereza

escritos em alinhavos coloridos
sobre a fina linha do linho ou de outro pano
qualquer
perfumam a paixão silenciosa de Tereza por eles

as raízes vazadas pelo avesso
germinam dentro dos olhos o enlace do tempo

Antiga Estação Ferroviária de Xopotó

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

Tereza se ausentou muito cedo da estação. O menino revisitado nessa memória, vê a estação vazia, como a esperar por Tereza que tantas vezes veio e um dia não veio mais. Quem esperou: o pai do poeta, e essa seria uma história de família, ou o próprio menino, que sonhou com Analua? O que importa é a singeleza e sutileza do poema Estação da Décima, de figuras ricas, enternecedoras, e, como dizemos noutro campo, vale o ingresso por si.

O outono cobre de folhas

a antiga Estação da Décima,

o homem estático à beira dos trilhos enfiados no chão aguarda a revoada de vagões da locomotiva

como um turíbulo de prata que adentra a Catedral, soprando incenso pela nave,

a menina mantida dentro de seus olhos vem num deles – vem?

ave em vão

Ave em vão

ss céus do tempo se fecham,

da plataforma vazia escutam-se desejos na ânsia a tinto sangue que flui a coágulos sem fluxos

e abre na tarde e dentro dos olhos dele

trilhos de silêncios por onde a menina

não caminha mais

Duas páginas atrás, a buganvília gritou pela ausência: entre tantas cosidas e plantadas por Tereza, uma não vingara, embora estivesse latente no quintal ou no coração.

“E então, misteriosamente, na segunda manhã da passagem de Tereza, a buganvília de sua paixão – a vermelha, espessa como a paixão, o vinho e o sangue – irrompe-se do núcleo da escuridão terra num grito de cor e se impõe da glória púrpura de suas flores e afiados espinhos



em poucos meses visível no quintal, na rua, na cidade.”

Um grito de saudade? Uma confabulação da natureza, familiar rima de Tereza, companheira da faina e da poesia? Que foi que aconteceu? Um grito. Uma exclamação, uma advertência, um compromisso da buganvília. Aqui a poesia é sagrada, é ritual

de passagem de nível, de dimensão, é elevação. Compromisso com a verdade de alguém profundamente religiosa a fazer a sua liturgia com a fé mais iluminada, a rezar a vida. Um clamor a assombrar tanto quanto tomar de espanto, curiosidade e alegria.

Noutro poema de glorificação profunda, “Estive no Paraíso e me lembrei de você”, o poeta parece estar pacificado, porque entrega um ramo de buganvília à Tereza, em mais um primor da linguagem poética.

“certamente se me encostasse neste r

amo frágil esta buganvília ela se partiria ao meio ou nalguma ponta ou galho e me mergulharia., de corpo e alma neste coágulo de vinho enxuto, trêmulo em teu seio. Como estas flores púrpuras naufragando-se ao volume desta tarde tomada ao paraíso por ti”.

O outro diálogo paralelo reaparece em “Novembro chuvoso”, em Crendices à toa, em que “o batido

oco da janela da casa de Camila fechou o desabamento de estrelas... um amor absoluto é uma crendice à toa”. Também em Outono e em outras construções, figuras de linguagem que ornaram a obra de riqueza estética atraente e instigante.

Ao final, o poeta confessa em “Recuperação da adolescência” que a tarefa não alcançou o seu propósito, e isto não é uma confissão de fracasso, senão a certeza de que logrou êxito.

A página

encena ao corpo

abril

a recuperação impossível da infância

O poeta não pode nem deve recuperar a infância. São águas passadas, aquelas águas que o filósofo de alcunha Obscuro disse não serem as mesmas quando retomadas pelos nossos pés, imediatamente após termos saído do rio. Tudo passa. O que o poeta fez e faz é recompor a memória, e só enquanto memória se pode refazer um caminho já feito. Só que não. Há novidades em cada retomada, redescobertas, algo sempre novo pra contar e recontar. O que se pode recontar, contando o Grito da Buganvília, é a eternização da grandeza de Tereza, sua experiência única e irrepetível, com uma profundidade que pode ser sentida só por quem esteve perto, dentro, acompanhou suas cores e suas dores, muitas vezes sem entender, mas agora, tecendo com palavras o que ela teceu com as mãos: ajunta os elos e anelos que a flor gritou e encontra a cena e o seu sentido.

O sentido é a temática universal, nascida no quintal, na rua, o mistério da vida. O poeta é filho da poesia. Dos sinos, do rio maior do mundo, do canavial, de Urucânia, de Tereza.

“por ti é que venci as lâminas afiadas
e frias do Férceps e mesmo trêmulo no mudo
vergando ao vento como caniço de cana”

O leitor ou a leitora poderá, enfim, catar e peneirar sem dificuldade, talvez pescar nesse “maior rio invisível do mundo” algumas preciosidades de garimpo. “O vento desse fim de tarde/ toma o mormaço pelas mãos/ a doçura volta às ruas”, no Passeios de verão, que tem ainda a aliteração “o gato tateia a tênues passos pelo telhado”. A combinação do vento com o mormaço tempera a tarde e o dar os braços é que a faz a doçura. Em O roedor, “... entre teias de aranha/ vaso de samambaia,/ fiapos de sol/ e os olhos azuis de uma gata da vizinha,/ o tempo rói tudo ao seu redor”. Em anjo ferido, “a buganvília nunca mais recobrou/o viés do vermelho nascido/do sopro de seus olhos”. São tantas, que o leitor e a leitora poderão encher o balaio.

Por essa personalidade rara, própria, com DNA e rastreamento, por esse jeito singular, despojado, ao mesmo tempo denso, saúdo como Poeta Maior, Nilo da Silva Lima, por esse brinde à vida. Obrigado, amigo!



Retrato do autor Gilson José de Oliveira

OS DESAFIOS DO ATUAL MODELO DE MINERAÇÃO

Autoria do texto: Acadêmica Maria Júlia Gomes Andrade [1]

Ó Deus dos pobres, ajudai-nos a resgatar os abandonados e esquecidos desta terra que valem tantos aos vossos olhos. Curai a nossa vida, para que protejamos o mundo e não o depredemos, para que semeemos beleza e não poluição nem destruição.

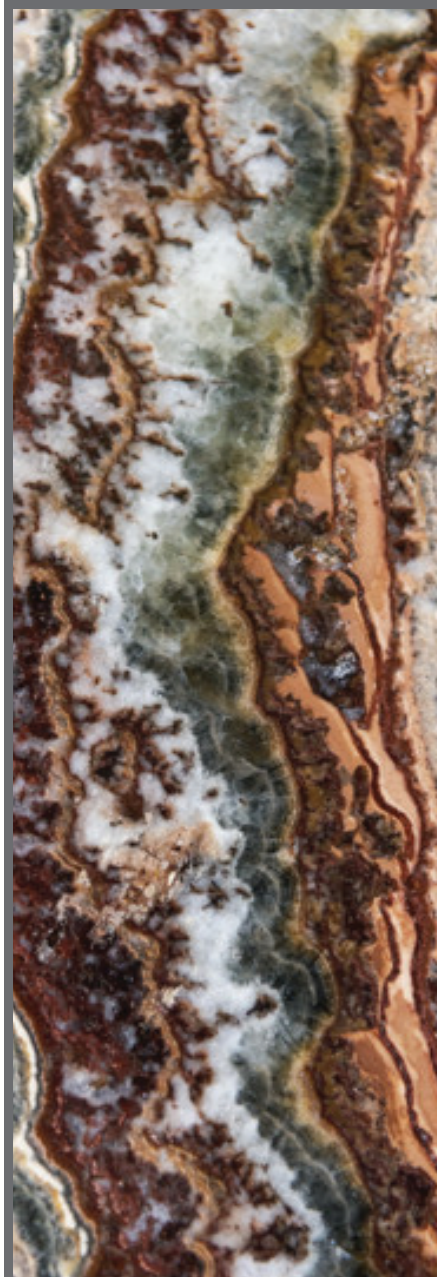
A tragédia que aconteceu no dia 25 de janeiro de 2019 em Brumadinho (MG) escancarou novamente o que é o modelo mineral brasileiro. Mais uma barragem de rejeitos de mineração se rompeu em Minas Gerais, ceifando desta vez 273 vidas. Mais uma vez o Brasil assistiu as imagens da lama destruindo vidas, casas, comunidades, plantações, rios. O horror que ocorreu em Mariana e Rio Doce, em 2015, tristemente se repetiu. E o Estado não monitorou e fiscalizou devidamente, não protegeu a população de Brumadinho e a região do rio Paraopeba.

O crime do rompimento da barragem em Brumadinho é revelador sobre o funcionamento da mineração no Brasil: extração acelerada dos bens minerais; monitoramento precário das estruturas dos empreendimentos; controle frágil dos órgãos públicos que deveriam fiscalizar as mineradoras e danos irreparáveis

aos territórios onde são instalados os projetos. Mas, infelizmente, isto não é exclusivo para Mariana ou Brumadinho. Essa é a lógica que impera na mineração em todas as partes do Brasil.

O modelo mineral brasileiro é caracterizado como primário-exportador, o que significa que ele é pensado – prioritariamente – para a exportação de minérios, e de forma intensiva. O ritmo de exploração não é ditado por necessidades do povo, mas sim pelo lucro das empresas transnacionais e de seus acionistas. E é sempre importante lembrarmos: os minérios são bens finitos e não renováveis.

E o que fica nos territórios atravessados pelos empreendimentos minerários? Sofrimentos como: contaminação do ambiente e dos cursos d'água, aumento da incidência de doenças (especialmente respiratórias), grande desigualdade social, infraestrutura precária nos municípios, aumento da violência e da exploração contra as mulheres. Tudo isso, são consequências comuns em todos os territórios que recebem projetos de mineração. Já os empregos gerados para as populações destes



Mineral Ágata

Crédito Fotográfico: Freepik

1. Maria Júlia Gomes Andrade é Antropóloga e compõe a Coordenação Nacional do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)

Extração de minerais com maquinário

Crédito Fotográfico: Freepik

locais, são em geral, de baixa remuneração, de contratos temporários e com pouco controle da saúde e segurança do trabalhador da mineração. Este é um dos setores no Brasil que mais mata, mutila e “enlouquece” trabalhadores. Os impactos ambientais e sociais do modelo de mineração são irreversíveis. E os lucros das empresas são extraordinários.

E temos uma grande injustiça fiscal associada à mineração. Temos uma das mais baixas alíquotas de royalties do mundo. E uma prática intensa de evasão fiscal e isenções para o setor, como é o caso da Lei Kandir. O argumento das mineradoras e governos, de que os projetos são necessários pela grande receita que geram para municípios e estados, não se sustenta.

Para construirmos um novo modelo de mineração do Brasil será necessário um esforço coletivo das organizações e entidades preocupadas com o povo brasileiro, e com um projeto de país. Temos alguns pontos que são basilares nesta construção:

A necessidade de termos Territórios Livres de Mineração, nos quais não seja permitida a atividade minerária. Exemplos: territórios indígenas, quilombolas e de populações tradicionais; áreas de proteção ambiental; balneários de água; áreas de agricultura familiar. Um projeto de mineração não deveria ter, por princípio, prioridade sobre estes outros



modos de vida e de geração de trabalho;

Maior controle social e transparência do setor da mineração, para que a população tenha acesso a dados seguros sobre as condições das infraestruturas dos empreendimentos; para que tenhamos maior fiscalização da receita arrecadada, e participação popular sobre como o recurso deve ser aplicado nos municípios. A luta pela revogação da lei Kandir também é uma pauta prioritária. Precisamos denunciar todos os absurdos causados pelas mineradoras e precisamos também apontar alternativas. A mineração faz parte da crise

ecológica que atravessamos na humanidade atualmente, e que cada vez mais se agrava. Para pensar em um novo modelo de mineração é preciso que reflitamos sobre as estruturas. Os nossos bens comuns não podem ser vistos como recursos para serem explorados, como é a lógica predominante no capitalismo.

Em 2015 o nosso querido Papa Francisco nos apresentou um texto fundamental para entendermos o mundo de hoje: a encíclica *Laudato Si'*. Neste documento profético, Papa Francisco desvelou a estrutura da crise ecológica atual e nos convidou a pensar no nosso papel hoje para o cuidado da Casa Comum para as futuras gerações. A situação das comunidades afetadas pela mineração também já estava nas preocupações de Papa Francisco que, em julho de 2015, organizou em Roma – através do Conselho Pontifício de Justiça e Paz – o “Encontro com os Atingidos Pela Mineração”. Papa Francisco enviou para os participantes uma forte mensagem:

Vindes de situações diferentes e de maneiras diferentes experimentais os efeitos das atividades de mineração. Vós quisestes reunir em Roma, nesta jornada de reflexão que está ligada a uma passagem da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG n. 187-190), para que se escute o grito de muitas pessoas, famílias e comunidades que sofrem direta ou indiretamente, às causa das consequências muitas vezes negativas das atividades de mineração. Um grito pelas terras perdidas; um grito pela extração das riquezas do solo que, paradoxalmente, não produz nenhuma riqueza para a população

local que permanece pobre; um grito de dor em reação às violências, às ameaças e à corrupção; um grito de indignação e de ajuda pelas violações dos direitos humanos, de forma discreta ou descaradamente pisoteados no que diz respeito à saúde das pessoas, condições de trabalho, às vezes pela escravidão e tráfico de seres humanos que alimenta o fenômeno trágico da prostituição; um grito de tristeza e de impotência pela poluição da água, do ar e do solo; um grito de incompreensão pela falta de processos inclusivos e de apoio por parte das autoridades civis, locais e nacionais, que têm o dever fundamental de promover o bem comum.

As populações em conflito com a mineração no Brasil têm resistido bravamente, apesar da desigualdade tão grande desta luta. É urgente e necessário que a gente não naturalize mais o modelo mineral, tal como é hoje, e que ouça de verdade o grito que vem dos territórios atravessados pela mineração.



Retrato da autora Maria Júlia Gomes Andrade

O MAUSOLÉU

Autoria do texto: Paulo Soriano - Itabuna - BA

— Sempre que me perguntam como fiquei rico, invento uma história e dou boas risadas com a credulidade das pessoas

— disse o velho comerciante Jules Cocard a seu jovem amigo Gervais Desmoulin.

— Já ganhei na loteria, já fiz parte de um bando de corsários, já desenterrei um tesouro imemorial, imenso, habilmente escondido por piratas marroquinos nas areias de uma praia remota do Mediterrâneo. Esta, aliás, é versão mais interessante e a que mais se aproxima da realidade, malgrado menos fúnebre. Ah, Gervais, vejo uma curiosidade imensa brilhar nos seus olhos! A você, meu amigo, contarei a verdade. Você é merecedor de toda a minha confiança e sei que não dará com a língua nos dentes nesta ou em outras tavernas de Amiens. E verá que não rirei no final.

— Você garante? — perguntou Gervais Desmoulin.

— Garanto — respondeu o ancião. — Quando jovem

— prosseguiu —, eu era um andarilho sem eira nem beira. Um vagabundo que, à época da vindima, oferecia os meus serviços aos pequenos agricultores ou grandes proprietários de terra em troca de comida, abrigo e um punhado de moedas de pouco valor. Ah, que época maravilhosa do ano era aquela! O trabalho era alegre, os abrigos eram frescos, as moedas eram a garantia de noites felizes junto às prostitutas do vale do Oise.

“Certa feita, por um motivo que você logo saberá, ofereci os meus serviços



Rio Piranga no Caminho do Império - Pontal-Xopotó

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

a um enfiteuta de G***, que monopolizava a produção de uvas e grãos na região, mesmo sabendo que ele não fornecia alimento aos seus trabalhadores e descontava do salário a noite de alojamento. Era um homem velho, baixo, curvo, de pequeninos e assustadores olhos azuis. Chamava-se Le Poittevin e era a avareza em pessoa. Eu me divertia à beça quando o velho fazia o pagamento diário aos trabalhadores de suas quintas. Aquilo era-lhe uma tortura. O homem suava, arfava, bufava como um rocim velho e cansado. A sua mão tremia quando separava, de uma ou outra pilha de moedas, as que seriam dadas em pagamento ao diarista. A mão ia e voltava diversas vezes, hesitante. E quando ele, finalmente, despejava as moedas na mão do labrego, fechava os olhos num esgar doloroso. Era como se lhe arrancassem uma generosa fatia de carne das ancas magras.

“Sempre que terminava a colheita, eu amarrava a minha trouxa ao cajado e partia em buscas de novas aventuras. Mas em G*** foi diferente. Assim que cheguei à cidade, apaixonei-me perdidamente por uma garota de dezoito anos, filha da lavadeira Fleuriot. Então, procurei emprego naquelas paragens aprazíveis — apesar das adversas condições impostas pelo avaro Le Poittevin — e, passada a vindima, resolvi ficar por lá e conquistar o coração da garota mais linda que já vira em minha vida, embora ela tivesse o gênio de um furacão.

Palmeiras Imperiais plantadas por Dom Pedro II no Xopotó

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani



“— Quanto mais difícil a mulher — dissera-me o coveiro Labouret, piscando-me um olho maldoso —, mais saboroso é o prêmio.

“Embora eu vislumbrasse sabedoria naquelas palavras, não via bom gosto nelas. A um jovem apaixonado como eu, parecia-me aviltante aquele comentário, mas, nem por isto, deixei de ouvir o coveiro concluir o seu pensamento:

— Mas o amigo há de arranjar um argumento irrefutável e vencer a resistência da donzela enfezada.

“Qual seria aquele argumento, eu não sabia. Mas sabia que o coveiro Labouret seria a minha salvação naquele distante outono de 1862. Graças a ele, consegui um lugar para morar e pude economizar umas boas moedas que — acreditava — me seriam úteis no inverno.

“— Não tem onde dormir, certo? Venha comigo

“Labouret me levou ao cemitério que circundava a igreja de Notre Dame de G***. Lá, parou diante de um antigo e circunspecto mausoléu revestido de mármore negro. Meteu a mão no bolso do casaco e dele retirou um imenso molho de chaves. Rapidamente, como num passe de mágica, escolheu uma e com ela abriu a pesada porta de nogueira. Entrou e ordenou que eu o acompanhasse.

“— Este é o meu refúgio secreto — disse ele, contemplando com orgulho a sua obra de arte. — Doravante, será o seu lar. Somente duas pessoas estão sepultadas aqui. São os dois filhos gêmeos do Sr. Sallambier. Ele pretendia que todos os membros de sua família aqui tivessem o seu descanso eterno.



Praça de Palmeiras - Fonte Luminosa

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

Mas veio a Revolução e o Sr. Sallambier, que era nobre de origem, embora carecesse de títulos, fugiu para as Antilhas, estabelecendo-se depois, ao que parece, na Louisiana. Por meio de um procurador, liquidou os seus negócios na região do Oise. Há mais de quarenta anos que não se ouve falar dele e de seus descendentes.

“O interior do mausoléu era um recinto primoroso. Os nichos onde estavam sepultados dos irmãos Sallambier e, bem assim, os que deveriam receber os seus familiares, situados nas paredes laterais do grande túmulo, haviam sido cobertos com uma alvenaria esmeradamente caiada de branco. No centro, havia duas essas de mármore negro, apoiadas sobre pilotis. Na da esquerda, Labouret criara um altar dedicado à Nossa Senhora. Nele, eternamente ardia um imenso círio. No catafalco da esquerda, o coveiro fizera uma espécie de leito confortável, com colchão, cobertores e travesseiros de pena de ganso. Havia, no fundo, encostados à parede, um armário de pinho, uma penteadeira antiga, trabalhada com esmero (item indispensável, segundo o coveiro galanteador), uma mesinha manca, um tamborete e um baú.

“— Você pode ver que no alto da parede dos fundos há quatro seteiras. Elas permitem que entre a luz do Sol e que o ar circule, mas a chuva não passa pela greta, graças à espessura da parede. Veja que as paredes e o chão estão maravilhosamente limpos. Se você quiser ficar aqui, há de me prometer que manterá o ambiente sempre limpo e arejado. Todo mês, as paredes serão lavadas com água aromática; o chão, bem escovado com sabão. Quando for comer, lembre-se de limpar a mesinha e varrer o chão. Como eu lhe disse, este é o meu refúgio sagrado. É aqui que recebo as minhas impávidas namoradas.



O mausoléu abandonado da família Sallambier passou, portanto, a ser o meu lar; e os gêmeos, ali sepultados há coisa de oitenta anos, os meus discretos confidentes, para cujas almas eu sempre orava, agradecendo a atenção e a companhia.

Segui à risca as instruções de meu camarada coveiro, que parecia satisfeito com a minha conduta obediente. Todos os dias, ao retornar de minhas andanças, eu encontrava, sobre a toalha do oratório, um pedaço de pão, uma rodela de salame e um pouco de vinho. Às vezes, ele me pedia a chave do mausoléu e me mandava dormir na fria guarita, que servia de escritório e depósito de materiais. Sem dúvida, eram noites em que Labouret tinha companhia feminina.

“Certa tarde, com o coração oprimido pela obstinada resistência de Sabine — a loura linda e feroz que eu amava —, retornei ao cemitério, após mais um dia de tediosa vagabundagem. Mal havia transposto o portão, deparei-me com uma cena singular. À distância de duas dezenas de passos, Le Poittevin, meu antigo patrão, saía de um mausoléu, bem próximo ao que eu habitava, e o trancava a chave. Para não ser notado, eu havia me escondido por detrás do tronco de um cipreste e, assim, pude ver o sovina mergulhar a chave no bolso,



**Igreja Matriz de São Pedro
- Palmeiras**

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

limpar com um lenço puído as bagas de suor que lhe inundavam a fronte calva, bufar, resfolegar e sair pressurosamente do cemitério, olhando às furtadelas, como se temesse ser visto por ali.

“Comentei aquele incidente com o meu amigo coveiro.

“— Ele sempre vem aqui, às escondidas, quando retorna de uma de suas viagens rotineiras a Paris — confidenciou-me Labouret. — Aquele é, obviamente, o mausoléu de sua família. Lá estão sepultados o seu pai, a sua mãe, os seus irmãos e alguns sobrinhos. Le Poittevin é um católico tão devoto quanto Calvino ou o arcebispo de Canterbury. Aí tem coisa... Tem treita, sim...

“Um mês após esse incidente, Labouret me contou uma história fúnebre, conquanto divertida — pelo menos para mim —, em que o odiado avarento era o protagonista.

“— Ninguém sabe ao certo — disse-me o coveiro — o que Le Poittevin tanto faz — ou melhor, fazia — em Paris. Dizem que trocava as notas bancárias, recebidas em pagamento de suas safras, por moedas de ouro. O fato que aconteceu hoje à tarde reforça a verdade contida nesta suposição. Mal desceu do trem, voltando de sua misteriosa viagem à capital, o velho avarento foi abordado pelo oficial de justiça Delatour e conduzido ao Mosteiro de Saint Benoît de Nursie. Delatour me relatou, rindo muito, tudo o que aconteceu.

““Todos sabem que Le Poittevin era o enfiteuta das terras que cultivava. Por isso, tinha de pagar um foro anual ao senhorio, que é o Mosteiro de Saint Benoît de Nursie. Mas era um Deus nos acuda ver a cor do dinheiro de Le Poittevin. Em seu sobretudo, ele conservava sempre um saco de veludo púrpura, onde ficavam, contadas e recontadas, as moedas destinadas ao pagamento do foro anual, mas postergava a entrega o quanto podia. O dinheiro estava sempre ali, num dos bolsos do sobretudo cinza esgarçado; todavia, o velho muquirana evitava a todo custo tirá-lo dali, como se o bolso fosse um terrível ninho de cobras.

““Neste ano, como nos anteriores, o velho atrasou o pagamento. O abade Largent, antes de tomar qualquer providência judicial, apelou para o meirinho, que levou o avarento, a cabresto, ao mordomo do mosteiro.

““— Diabos! — exclamou Le Poittevin, dirigindo-se ao mordomo. — Que os diabos o carreguem, senhor! Isto são modos de tratar um enfiteuta honesto e generoso como eu? Havia a necessidade da escolta de um oficial de justiça?”

““Le Poittevin estava visivelmente transtornado. Seus olhos azuis estavam injetados de um ódio rubro e os seus lábios tremiam de indignação.

““— É o foro que o senhor deseja? É o foro? Então, ei-lo aqui.

““O avarento levou uma mão trêmula a um dos inúmeros bolsos





Igreja Matriz de São Sebastião - Centro Histórico

Crédito Fotográfico: Alfredo Padovani

de seu velho e andrajoso sobretudo, mexeu e remexeu lá no fundo, e extraiu um saco de moedas.

“Furiosamente, atirou o saco sobre a mesa, dizendo:

“— Eis aqui o seu foro! Eis aqui o seu maldito foro!

“E cresceu, com absoluta confiança:

“— Se houver um centavo a menos, mande-me à forca. À forca! Aqui está o meu pescoço! Se houver um centavo a mais, que fique de esmola a este maldito mosteiro! Isto mesmo: que fique de esmola ao maldito mosteiro! E que os diabos o carreguem, senhor! Passe bem!

“Dizendo isto — prosseguiu o coveiro em sua narrativa —, Le Poittevin limpou o suor da testa e das bochechas e marchou para casa. Foi lá que aconteceu a tragédia’.

“— Tragédia? — perguntei a Labouret.

“— Escute-me. Marie Madeleine contou-me tudo.

“— Quem é Marie Madeleine?

“—Não se lembra dela? É uma pobre infeliz, criada de Le Poittevin. Ela assistiu a tudo.

“— O que aconteceu?

“— Escute-me. Apenas escute o que eu lhe digo — disse-me Labouret, com impaciência. — Le Poittevin chegou em casa afobado, com o rosto em chamas, e se recolheu ao escritório. Marie Madeleine, que era muito devotada ao patrão, apesar do salário de fome que recebia, ficou deveras preocupada ao vê-lo tão furibundo. Embora o avarento se aborrecesse com frequência — algo que é absolutamente natural num muquirana —, daquela vez o velho passara dos limites. Chutara a porta, dera um pontapé na gata Colombine (que, é claro, não era sua, mas Marie Madeleine, já que gatos implicam despesas) e subira ao gabinete, onde se enfiou.

“Passados uns instantes, Marie Madeleine seguiu o patrão e, por uma das diversas e centenárias frestas na porta do escritório, viu o que lá dentro acontecia.

“Le Poittevin sentou-se à escrivaninha, tirou um saco de moedas do bolso, abriu-o e despejou o conteúdo sobre a tampa.

“Ao fazê-lo, soltou um grito de terror.

“— Diabos! — gritou. — Eu, de tão transtornado, me enganei! Entreguei ao convento não o saco do pagamento do foro, mas o da venda de minha safra! Entreguei dez vezes mais que o devido. Vou, agora mesmo, reclamar a diferença.

“Levantou-se com um sorriso macabro no rosto. Já se dirigia à porta, quando, de súbito, estacou. Uma palidez mortal subiu-lhe a face e o seu corpo pequeno tremeu como se acometido por uma febre convulsiva.

“— Santo Deus! Santo Deus! — balbuciou. — O que eu disse? O que eu fiz? Eu dei de esmola o excedente ao convento! E o oficial de justiça é a ilibada testemunha. Estou pobre! Estou pobre! Estou pobre!

“E caiu, como se fulminado por um raio, no chão.

“Estava morto”.

— Quatro dias depois

— prosseguiu Cocard, levando aos lábios uma taça de conhaque fino —, o corpo de Le Poittevin foi sepultado no mausoléu da sua família. Somente uma pessoa — além de mim e do sacerdote — estava presente à cerimônia. Era um tal de Henri Dufaÿs, sobrinho-neto do falecido e seu único herdeiro.

“Tão logo o mausoléu foi fechado a chave, Dufaÿs correu à casa do defunto, onde iniciou uma frenética busca pelo cofre em que o tio-avô deveria ter guardado a sua imensa fortuna. Todos sabiam que o velho falecido vivia miseravelmente, juntado cada centavo que lhe caía nas mãos e entesourando todos os fartos rendimentos que obtinha com as colheitas de suas quintas. O velho jamais se casara. Dizia, em alto e bom som, que as mulheres eram todas gastadeiras e os filhos eram todos pródigos, perdulários incorrigíveis, sem exceção. Quanto aos banqueiros, dizia que não havia um que não fosse ladrão e agiota, e que preferia pôr o seu dinheiro na mão de Satanás a fazer qualquer depósito numa instituição financeira. Não havia, pois, dúvida alguma quanto à existência de um vultoso tesouro, acumulado por mais de cinquenta anos.

“Foram dois dias de uma busca rigorosa. Todos os locais foram esquadrinhados. Marie Madeleine foi presa e interrogada.

Avenida Caetano Marinho - Década de 1970 - Centro Histórico

Crédito Fotográfico: Família Caríssimo





A velha mulher disse que nunca vira qualquer cofre na casa do enfiteuta. Definitivamente, não sabia onde o finado guardava o seu dinheiro. O padre teve de intervir, pois sabia que a abnegada serva era um exemplo de honestidade e retidão.

“— Essa mulher sempre se confessa e comunga aos domingos — disse o padre. — Como sacerdote, posso afirmar que a cobiça não está entre os seus pecados. E, se minha palavra de pároco católico não basta, rememoro-lhes, senhores, que as moedas de ouro do falecido foram encontradas onde ele as deixou. O oficial de justiça as confiscou para amortecer os débitos do defunto para com o fisco. Se essa senhora fosse uma ladra, certamente o dinheiro não seria encontrado.

“Liberada a mulher, o herdeiro mudou de tática. Convocou um exército de desocupados, prometendo uma generosa gratificação a quem encontrasse o butim.

“Eu fui um dos voluntários.

“Foi uma semana de buscas incansáveis. A casa foi posta abaixo: não ficou pedra sobre pedra. As fundações foram removidas. O jardim e o quintal foram escavados a uma profundidade de dois metros. Nada foi encontrado.

“Por fim, o herdeiro desistiu da busca na casa. Passou a procurar nas quintas lavradas pelo falecido, mas sem sucesso. Sabia que não poderia pôr abaixo as construções, já que a isto o

Mosteiro de Saint Benoît de Nursie se oporia veementemente. Além disso, muito duvidava que o velho tivesse ocultado o seu tesouro nas terras do mosteiro. Haveria de ser um lugar seguro e exclusivamente seu. Mas qual? Dando-se por vencido, resolveu partir. Todas as terras enfiteúicas do tio-avô estavam hipotecadas e o jovem senhor não tinha como remi-las. Não sem o tesouro perdido.

“— Velho desgraçado! Unha de fome! Eis o que eu encontrei entre os seus pertences: uma moeda de prata. Uma única, solitária, infeliz e pestilenta moeda de prata! — disse ele ao seu exército de desolados.

“E prosseguiu:

“— Sabem de uma coisa? Que esse velho infeliz, cúmplice do Diabo, fique com o tesouro para si e faça bom uso dele em seu túmulo. Renuncio a esse tesouro maldito!

“E, dizendo isto, me chamou.

“— Faça bom uso dessa prata. Renuncio a essa herança desgraçada em seu favor — disse-me, depositando a moeda em minha mão. — Adeus!

“Então, partiu da cidade de G*** para nunca mais voltar”.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário - Centro Histórico

— Naquela noite, na companhia dos silenciosos gêmeos Sallambier, com os quais eu me habituara a conversar em meus momentos de solidão, não consegui conciliar o sono.

“As palavras do herdeiro, que me causaram uma imensa impressão, ressoavam em meus ouvidos como uma ladainha fúnebre.

“— Na verdade, Sr. Sallambier aîné, eu acabei sendo o herdeiro do velho sovina — disse ao mais velho dos gêmeos falecidos. — Eis aqui a moeda de prata. Foi tudo o que o sobrinho-neto pôde encontrar em suas propriedades. Foi tudo o que restou de uma fortuna incomensurável...

“No fundo de meu espírito, o Sr. Sallambier aîné me respondia com um suspiro enfadado, dizendo-me, numa voz spectral, mas perfeitamente articulada:

“— E de pensar, meu jovem Jules Cocard, que o velho muquirana está, agora mesmo, a fazer uso de seu tesouro em seu mausoléu...

“Naquele instante, como se à luz intensa e fugidia de um relâmpago, tudo ficou claro para mim.

“Voltei os olhos para a parede à minha esquerda. À luz frouxa e trêmula do círio, parecia assomar, vinda do fundo do sepulcro, à superfície da alvenaria caiada de branco, uma réstia brilhante, que assumia os contornos de um jovem cavalheiro.

“— Sr. Sallambier aîné, muito obrigado por responder-me — eu disse ao defunto, sinceramente agradecido, com uma mesura respeitosa.

“Já amanhecia. Corri ao portão do cemitério e esperei, pacientemente, pela vinda do coveiro Labouret.

“— Se você estiver certo — disse-me Labouret —, então será um homem rico. O jovem Dufaÿs renunciou à herança em seu favor. E na presença de uma dezena de testemunhas.

“— Dufaÿs ficou com a chave do mausoléu de Le Poittevin. Você tem uma cópia?

“— Há sempre duas chaves para os mausoléus. Uma fica com a família; outra, comigo. O que a Igreja me paga, para enterrar e exumar os mortos, e zelar pelos jardins do cemitério, é muito pouco. O que me garante os vinhos, os manjares e a companhia das audazes mulheres é a conservação de túmulos e mausoléus. Algumas famílias me pagam razoavelmente bem pelo serviço. E, como você pode ver, eu mantenho tudo em perfeita ordem.

“Era noite. Labouret abriu, com a sua chave, o mausoléu onde Le Poittevin repousava. Com uma lamparina na mão, segui o meu amigo.

“— Por onde começamos?

“— Pelos caixões mais acessíveis, é claro.

“No centro do mausoléu havia três catafalcos e, sobre cada um deles, um ataúde.

“— Vejamos este aqui — disse-me Labouret. — Parece ser o do pai do sovina. Veja, está lacrado. Vamos ao segundo.

“Passei a lamparina por sobre o segundo caixão. Os parafusos haviam sido removidos.

“O coveiro solicitou a minha ajuda e abrimos a tampa do ataúde. Um odor acre, de coisas deletérias, tomou conta do ambiente.

“— Traga a lamparina — disse-me.

“Aproximei a lamparina do caixão. Dentro dele jazia o esqueleto de uma mulher. Passei o lume ao longo do sudário, mas nada vi.

“— Não há nada... — disse a Labouret, decepcionado.

“— Vamos tirar o pano mortuário e ver o que há embaixo dele.

“Labouret murmurou uns pedidos de desculpas à falecida mãe do velho sovina e, vagarosamente, descobriu o cadáver até os ossos dos pés.

“Entre os ossos do cadáver, uma miríade de saquinhos de moeda, todos púrpura, como se cuidadosos ornamentos, saltou aos meus olhos. “De fato, eu estava rico. E de pensar que o jovem Dufaÿs estivera, há poucos dias, tão perto de sua inacessível herança... “Recolhemos os sacos de moedas e, em meu lar sepulcral, contamos o butim. Era uma imensa fortuna — sobretudo para um pobre órfão como eu — em resplandecentes moedas de ouro.

“Agradei ao meu amigo pela inestimável ajuda, e não somente com palavras emocionadas, mas com dez por cento de

minha recente riqueza, o que fez dele um próspero e respeitado senhor de terras. No dia seguinte, procurei Sabine Fleuriot. Mostrei a ela uma pequena parcela de meu tesouro, que, mui convincentemente, falou por si próprio. Persuadida com tão eloquente e irrefutável argumento, Sabine capitulou num instante, e fugiu comigo naquela mesma noite. Estamos casados há cinquenta e dois anos.

“Eis, meu caro Gervais, a história da gênese de minha riqueza, honestamente adquirida graças a uma mãozinha de um dos gêmeos Sallambier”.

Dizendo disto, Jules Cocard esvaziou a sua taça de conhaque e partiu. Desta vez, não riu da credulidade alheia.



Retrato do autor Paulo Soriano

ODE A MINAS

Autoria do texto: Acadêmica Beth Iacomini

sou Minas do café
montanhas flutuantes
cargueiros viandantes

sou Minas das Gerais
onde se planta sementes de sonhos
e há amores reais

sou cantigas sertanejas
de mel, cana e toada
brilhos da alvorada

sou Minas Gerais
do Rio São Francisco
mar doce no paraíso

sou de Minas, o vento
ora cálido, ora sombrio
in_definido sentimento

das Gerais sou nativa
não conheço outros mundos
que me façam sentir mais viva

sou Minas da goiabada
pão de queijo e angu
artesãos de norte a sul

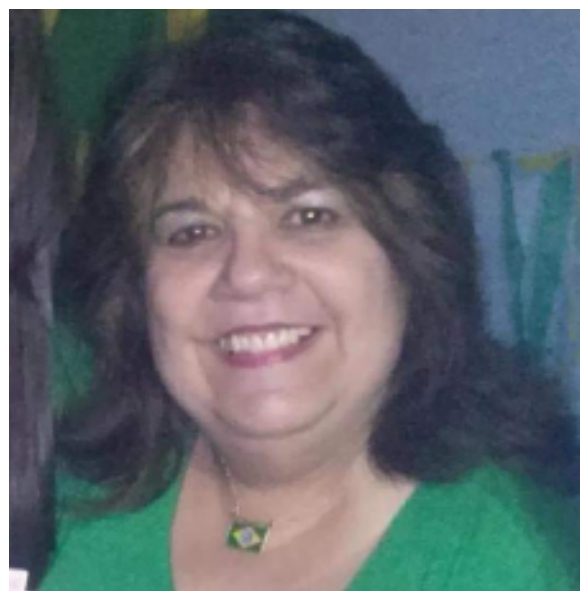
sou Minas, cachoeiras
choradeira noite e dia
controvérsias e alegria

tenho Minas em meu nome
Leite, de ótima qualidade
faz doce, quitutes, amizade

mineira das serestas
violeiros, folguedos, luar
segredos pra se desvendar

quem vai me tirar de Minas
se a felicidade me achou
é aqui qu'estou... aqui que sou

oh, minha Minas Gerais
meu chão, minha nave, meu escudo
não te olvidarei, jamais!



Retrato da autora Beth Iacomini



PRIMAZIA DE MARIANA PAIRA, SOBERANA

Autoria do texto: Acadêmica Ester Alves Magalhaes Trindade



Vida – porção de fios que se desenrolam aos poucos.
Fevereiro de 1745 – um fio escapa – nasce a Diocese de Mariana.
Um traçado de linhas – prenúncio de uma “obra – prima” – vai se revelando gradativamente.

Noites escuras! Pingos de luz resplandecem iluminando mentes e corações sedentos.
Sementes são lançadas. Produzem e se reproduzem.
Em solo fecundado pela fé, rebrilha a luz do Cristo Ressuscitado.

Maio de 1906 – massa fermentada – Agora “Arquidiocese”!
São 267 anos de história em Mariana!
Lutas e Vitórias!

Uma terra abençoada!
Regada pelo sangue de tantos mártires,
Desfralda a Bandeira da Paz!

Em meio às intempéries, sobrevive e renasce a cada dia.
Mineiros que têm no sangue a herança dos povos desbravadores,
Que com coragem e fé, enfrentaram obstáculos buscando novos caminhos...

Como outrora, Mariana enfrenta “ondas revoltas”
– irresponsabilidade de muitos –
consequências drásticas para todos.

A Arquidiocese de Mariana celebra seu aniversário em meio à dores e muito sofrimento
– mais uma vez um fio se solta e destrói grande parte do bordado.
Exigirá do artesão sabedoria e astúcia para recuperar parte do trabalho perdido.

O importante é não recuar.

Retrato da autora Ester Alves

O LEQUE DAS MINAS GERAIS

Autoria do texto: Acadêmica Laene Teixeira Mucci

Nenhuma paisagem é parada
Desamparada
Na terra das Minas Gerais.
A gente anda para ali
E a paisagem também anda,
A gente caminha para lá
E a paisagem também caminha,
A gente ponteia,
O solo rodeia,
Fala manso ao pé do fogo –
No país das Minas Gerais...
As pernas desenrolam
Como as pernas das estradas,
Os braços se desenvolvem
Como os braços
Das mangueiras seculares
Cheias de passarinhos,
O coração se descortina
Como o ponto procurado do horizonte...

A paisagem tem seus cabimentos
Que podem ser antigos
Como as jazidas de esmeralda
Que o bandeirante sonhou,
E podem ser modernos
Como as siderurgias
Que martelam suas máquinas
À exaustão do progresso...
A paisagem tem descabimentos
Que podem ser escabrosos
De beira/beiradinha
Da Serra do Rola Moça –
Que o noivo rolou com a noiva
Por suas barracas e ribanceiras
E precipícios...
O que sobrou foi capim
E duas almas voando
No céu azul-querubim...
A paisagem tem descabimentos
Que podem ser atrozes e atropelados
Como a sina de Tiradentes

E a de Felipe dos Santos!
A paisagem tem cabimentos
E descabimentos
Na andança da largueza e
Ultrapassagem
Dos sertões
Nas piruetas do passo
Resfoligente
Para alcançar o Pico da Bandeira
Como guerreiro dançarino
Que luta e dança na busca do sol
E que depois aterrisa,
Estátua estatelada de pedra sabão
Na Praça de Liberdade –
As mãos em arco sobre a boca
Pedindo socorro
Quando a coragem emigra
Aos superpoderes das Minas Gerais:
S.O.S. Rio Francisco!
S.O.S. Serra da Mantiqueira!
S.O.S. macacos carvoeiros
Das matas de Araponga!
S.O.S. Bárbara Heliodora!
S.O.S. Padre Arlindo e Hermelindo
E Padre Antônio de Urucânia!
S.O.S. Chico Xavier!
S.O.S. homem do povo,
Que não se chama Charlie Chaplin!
Seu nome é Quelemém,
Sobrenome: de Ninguém...

Esta é a Ilha do refúgio
Cercada de montes por todos os lados
E de muita água doce!
Ai,ai,ai,ai,ai, Minas Gerais,
“quem te conhece não esquece jamais!”
Quem é que te manda nascer por aqui,
Amar por aqui,
Passar por aqui
“com seu cavalinho comendo capim”
Para crer - e para ver as duas luas de prata dourada
De Ismália e Alphonsus no cenário de Mariana!
Esta paisagem não é parada,
É paisagem desabrochada
De vias sacras e ladainhas,
Nas ruas estreitas e líricas
De Vila Rica Ouro Preto,
De serenatas cantantes amantes
Que não se calam de amor para sempre



“Como pode o peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como poderei viver,
Como poderei viver
Sem a tua, sem a tua,
Sem a tua companhia...?”

Que sentimento forte forjado de ferro
Como o verso itabirano de Drummond!
Que sentimento incrustado de ouro
Nos anjos barrocos de altares e de pórticos.
Silenciosos anjos guardando memórias!
Que sentimento doce de Marília de Dirceu,
Com sua camisola branca de opalina
Por entre neblina e camélias pálidas...
Que sentimento azul das portas e janelas coloniais
Batendo nas dobradiças, suspiros e cismares...
Que sentimento patético
Dos profetas deflagrados
No adro da igreja de Congonhas!
Que sentimento cristão
De vela acesa varrendo caminho na procissão do
Divino...
Ai ,ai,ai,ai,ai ,Minas Gerais,
Quem te encontra não perde jamais!
Você está no mapa
Como traço precioso de sua fé
Aberta no milagre da maravilha milésima...

“Tu não te lembras da casinha pequenina
Onde nosso amor nasceu?...”
Ô de casa! Ô de fora!
Quem tá aí não vai s’embora!
O café táquentinho e a mesa tá posta...
Pode chegar que a casa é sua...

Traz seu estandarte e ergue junto ao nosso
De triângulo vermelho e de lados iguais...
Traz suas manias,
Põe junto das nossas
E fuma fumo de rolo torcido,
Toca viola no terreiro.



E não perde o trem da meia-noite...
Traz suas mazelas e põe perto das nossas,
Vamos curar todas elas com chá de marcela e folhas de
hortelã;
Vamos pegar todas elas,
Deitar numa esteira de taboa
De papo pro ar e escutar a cantiga da fonte...

“E a fonte a cantar:
Chuá,chuá!
E as águas a corrê
Chuê,chuê...”

Vem sem preconceito,
Viajante até ET da sétima galáxia!
A paisagem mineira
É um leque perfumado de canela
Que se abana e respira,
E se abre e abre mais
Mostrando o coração –
Pra te deixar entrar

Retrato da autora Laene Teixeira Mucci

MINAS GERAIS

Autoria do texto: Nilo da Silva Lima - Sócio correspondente
ALEPON - São João del-Rei - MG

A Minas de cada dia se abre de abril às estações em flores de liberdade, vinho, pedra, sinos e sonhos
as serras sangram desejos de carnes abertas aos dias de onde correm esperança qual gotas de mel
lambuzadas de minério, fê e saudade,

as procissões iluminadas à lua cheia
ferem o corpo de pés pelas pedras afiadas
que vingam as dores silenciadas pela ladeiras
na voz agônica dos sinos
celebrando, enfim, dias de pleno azul

ainda que tardiamente
legível sob os frisos de nódoas antigas que o quaro não apaga

Minas liberta
em núpcias quotidianas pelas cidades

Minas, serras de jardins de flores plurais.



Retrato do autor Nilo da Silva Lima

MINAS É ISSO, MINAS É GERAIS

Autoria do texto: Acadêmica Vera Salviano /
Acadêmico Henrique Ribeiro

Minas, das montanhas...
Dos rios e cascatas...
Da lua cheia de serenatas ...
De mulheres, bonitas e faceiras...
Loiras, morenas e mulatas...

Minas, dos trens, das Marias e fumaças...
Namoradeiras na janela ...
Vendo a banda passar...
Tocando peixe pra JK.
Milton nos bares...
Nas esquinas ouvindo...
João e Tunai...
Aquele papel mache, de causar frisson ...

Ao pé da serra, eu ouvia
Um chorinho de arrepiar
Recordando amor do passado...
Nas noites frias de serestas.

Minas é isso
Minas é Gerais
D'Ouro e dos cristais
Minas, e muito, muito mais.

Minas é isso
Minas é Gerais



Retrato da autora Vera Salviano
Retrato do autor Henrique Ribeiro

MEMÓRIAS DE CARNAVAL

Autoria do texto: Wilza Mayrink

Foliões pela avenida
Enfeitados de renda e babado
Acompanhavam o tamborim a dançar
Sem um segundo parar

Escolas desfilavam sob aplausos
Passistas com encanto e beleza
Sambavam entre alegorias
Mostrando diversas riquezas

Serpentinas coloridas
Espalhavam sobre o chão
E o confete completava
A alegria do cidadão

Fantasia se misturavam
Entre som e clarão
E a bateria com graça
Ecoava por toda a praça

As luzes e as pessoas
Tomavam conta da cidade
Reinava samba e alegria
Em meio a muita euforia

Assim foi por muito tempo
O carnaval em Ponte Nova
Que reside na minha memória
E faz parte de nossa história.

www.wilzamayrink.com.br



Retrato da autora Wilza Mayrink

Sede da ALEPON

Rua Cantídio Drummond, 92 - Fundos - Sala 13 - Centro Histórico -
35.430-002 - Ponte Nova - Minas Gerais.
academiaalepon@bol.com.br

